

# ILHA VIRTUAL PONTOCOM

**Informativo sobre Literatura Maranhense**

[www.joseneres.com](http://www.joseneres.com)

Número 36 - Janeiro-julho 2020



## LITERATURA E CINEMA:

Um encontro de taxistas

O livro *Breganejo Blue*, de Bruno Azevêdo, é analisado pelo professor Mauro César Vieira, que estuda essa obra literário sob a perspectiva do comparativismo com o clássico *Táxi Driver* (pág. 5)

---

## COMENSAIS, DE ELIANE MORAIS

Breves comentários sobre o livro de estreia da romancista Eliane Moraes, autora de *Comensais*, um trabalho que merece uma leitura mais apurada (pág. 13)

---

## SAMARONE MARINHO

Um breve passeio pela obra do poeta Samarone Marinho, autor de *Atrás da Vidraça*, *Incêndio* e de tantos outros livros que o deixam na primeira linha dos bons escritores da literatura maranhense contemporânea (pág. 9)

### **Expediente:**

---

Ilhvirtualpontocom é uma produção independente que tem como objetivo divulgar a cultura maranhense em seus diversos aspectos, com ênfase na Literatura.

Projeto Gráfico e Diagramação: José Neres

Distribuição gratuita via internet

Nesta edição, textos de: José Neres, Mauro César Vieira, Bruno Silveira e Linda Barros.

## A CANÇÃO INICIAL DE JOSÉ SARNEY

Um estudo sobre o primeiro livro de poesia do escritor José Sarney, que, além de influente político, é membro de diversas academias de letras e tem uma sólida produção literária em prosa e em verso (pág. 11)



## JOSÉ MARIA NASCIMENTO

A professora e atriz Linda Barros faz uma homenagem aos sessenta anos de poesia de José Maria Nascimento (pág. 8)

# Instante Emotivo

Busco em meu instante emotivo  
A clara descrição do que vejo  
És a perfeição do teu sorriso  
Um sonho impossível que almejo.

Um misto de menina e de mulher  
Enfeitiçaste-me sem traço de magia  
És a prisão eternizada que se quer  
És a certeza duvidosa da alegria

# Teus Predicados

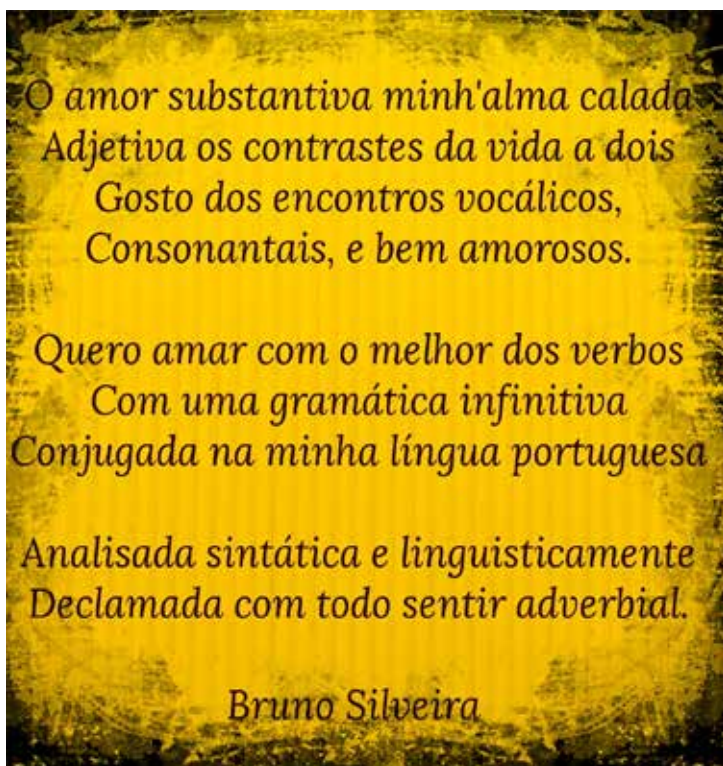
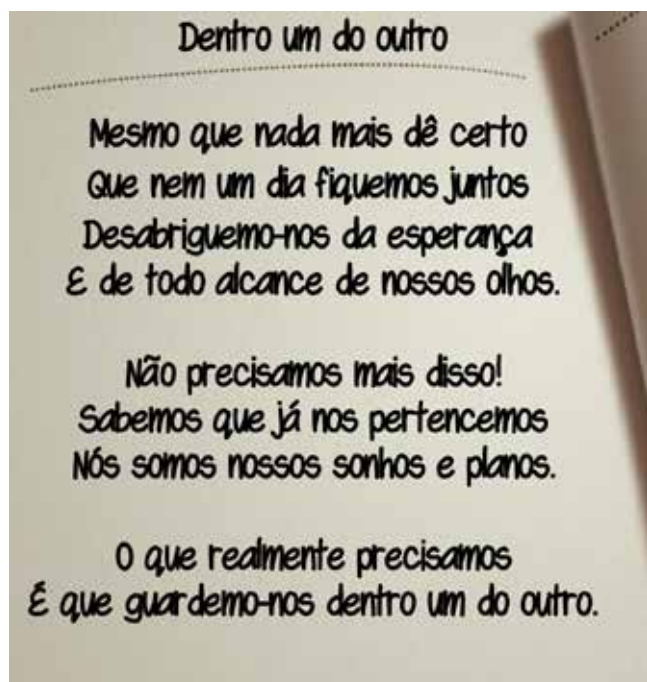
Teus predicados sórdidos que me revelam  
Conjugam-me na segunda pessoa do singular  
Carente do teu complemento incoerente  
Sem objetos, que te preposicionam pra mim.

Preciso ser analisado morfossintaticamente  
Legitimizado sob tua língua aportuguesada  
Que desenfreada, encontra termos essenciais  
Duma oração que aponta o norte, ereta e rijal!

No superlativo, sem eufemismo...

Sou verbo de ligação, refeito num predicativo,  
Insustantivado, subterfúgios que Bechara  
Chama de circunstancial. Ingênuo que só ele!

## 4 POEMAS DE BRUNO SILVEIRA



Bruno Silveira é poeta e professor de Língua Portuguesa

# *Encontro de taxistas:*

a (não) relação entre o Taxi Driver (1976) e Breganejo Blues, de Bruno Azevêdo

\*\*\*Mauro Cezar Vieira\*\*\*

---

---

**P**ara qualquer um que assista Coringa (2019), de Todd Phillips, e já tenha assistido Taxi Driver (1976), de Martin Scorsese, a correspondência entre os protagonistas Arthur Fleck (Joaquin Phoenix) e Travis Bickle (Robert DeNiro) é notória a tal ponto que é quase impossível não afirmar que este serviu de inspiração àquele. Porém, a minha tentativa nesse texto não é a de buscar confluências entre esses dois personagens, isso outros farão, ou já o fizeram. Aqui faço uma tentativa de traçar um paralelo não tão comum e que ainda não vi ser feito em nenhum lugar. Gostaria de propor uma comparação entre Travis Bickle e o taxista de Breganejo Blues de Bruno Azevêdo.

A trajetória de Bickle já é bastante conhecida. Um ex-combatente da Guerra do Vietnã que tem problemas para dormir e, por isso, acaba preenchendo suas noites trabalhando como taxista. Alimenta um incômodo pela degradação moral que o cerca, não consegue se encaixar no modo de vida da corrente, é sempre deslocado. Toda essa inabilidade social fica muito clara no seu encontro com Betsy (Cybill Shepherd) quando ele a leva para uma sessão de cinema pornográfico. Não nos interessa aqui fazer uma exposição dos motivos que teriam levado Travis a se impor uma mudança que vai levar ao clímax da história. Esse não é nosso objetivo. O que nos interessa é deixar claro que Bickle alimenta um desejo de dar vazão àquela violência percebida pelos seus olhos e acumulada em seu íntimo. Esse desejo atinge o seu ponto máximo de clarividência por volta de uma hora e meia de filme numa cena na qual ele conversa com Iris (Jodie Foster) uma prostituta de 13 anos que ele tenta tirar das mãos dos ca-

fetões e devolvê-la ao seio familiar. Na cena em questão, quando Iris o questiona o motivo pelo qual ele não a acompanha na viagem que a levará de volta para casa, ele afirma que não pode pois tem um serviço do governo para fazer, e arremata: “O táxi é só um passatempo”.

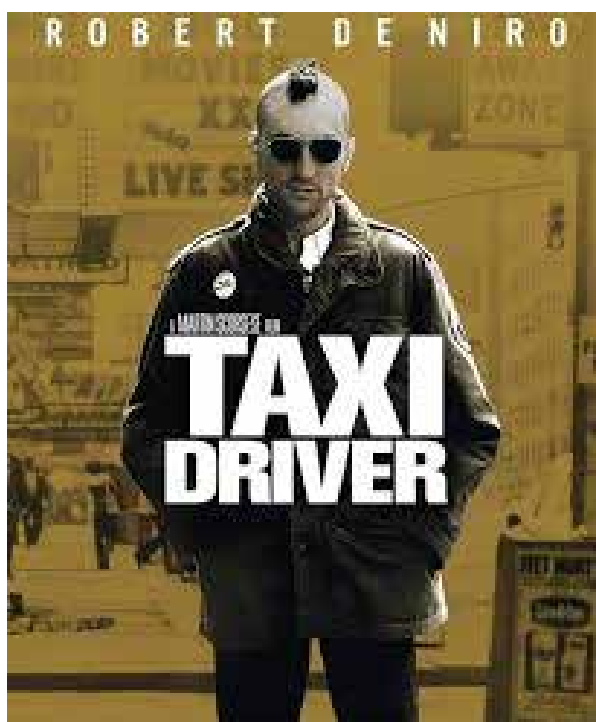
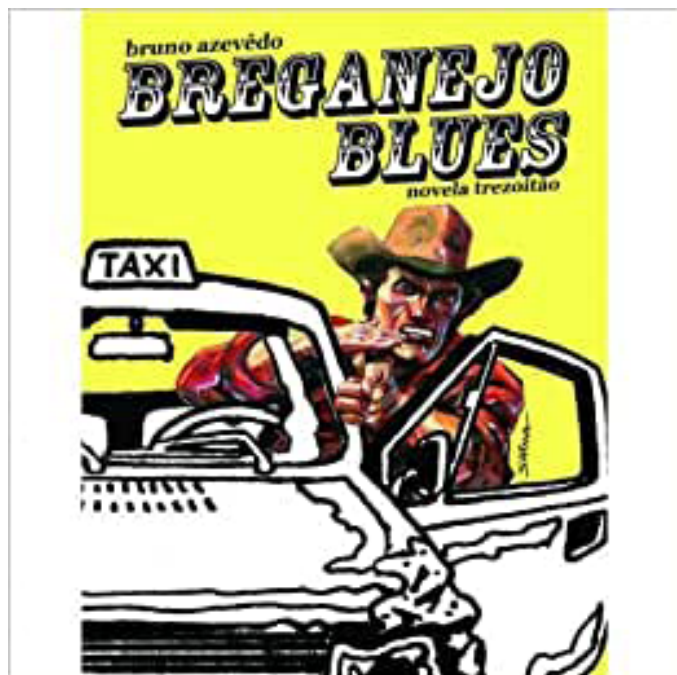


---

**Mauro Cezar Vieira** é professor, escritor e ensaísta. graduado em Letras pela Faculdade Santa Fé e mestrando em em Letras.

---

O taxista de Breganejo Blues, Ribamar Willer, não parece compartilhar das características do personagem do filme de Scorsese descritas acima. Ele é só um taxista que faz bico não-remunerado de detetive para cornos – “Sou só um taxista. HPO 9875. Faço bico, sabe, pra corno. Na maioria das vezes nem cobro” (p. 20) – numa cidade semi-industrial (não há menção clara, mas é São Luís. Dá para afirmar por causa da aparição do UEMA/Ipase, da Choperia Marcelo e do Kabão em momentos distintos da obra) onde o único modo dese cultivara atividade eternizada por Sherlock Holmes é atendendo aqueles que tem a cabeça enfeitada. Então, se não existe compartilhamento de características entre os dois personagens, o leitor pode se questionar: quais são os traços que permitem o paralelo entre eles?



Há fortes indícios, caro leitor, que o taxista Ribamar Willer é um anti Travis Bickle, uma antítese, uma projeção no espelho onde os elementos vistos na direita estão à esquerda e vice-versa. O primeiro elemento que pode servir de base para essa tese é o mais óbvio. Ambos são taxistas. Ambos compartilham a missão de conduzir pessoas aos seus destinos. Porém, enquanto Travis percebe seu ofício como secundário, como fica claro na cena do filme descrita anteriormente, o taxista de Breganejo Blues encara a sua ocupação como primária, o bico é a arapongagem.

Outro fator que pode ser levado em consideração é a relação de ambos personagens com uma figura em específico. Enquanto Travis é reconhecido como um cowboy por vários outros personagens ao longo do filme – pelo fato de se vestir de maneira similar –, Ribamar é fã das conhecidas histórias em quadrinho do cowboy Tex, o que nos leva a crer que o sobrenome do taxista não é verdadeiro. Enquanto o primeiro, mesmo que inconscientemente (o filme não nos deixa pista para afirmar se é mesmo inconsciente ou não) se traveste como um cowboy, o segundo se idealiza, se imagina como um famoso cowboy. Platão analisaria essa dicotomia facilmente. Ou Freud.

Além disso, há que se levar em consideração a trajetória dos dois personagens em relação às mulheres que aparecem em seu caminho. Travis traça uma jornada de submissão do feminino tanto em relação à Betsy, que termina o filme parecendo nutrir uma admiração não demonstrada por ele antes, quanto em relação à Iris, que apesar do seu contragosto inicial, tem o desfecho que Bickle imaginou para ela. No caso de Ribamar, sua única interação substancial com o feminino é com uma contratante, que se coloca numa relação de submissão durante toda a história (afinal, ela está desesperada para saber do paradeiro de seu ex-marido gay e ex-cantor de uma dupla sertaneja famosa) mas que, após o taxista desvelar o caso, o submete ao seu capricho mortal.

Todos estes pontos parecem corroborar com minha hipótese. Contudo, a questão carece de sua análise central. O que fazer com essas informações? Se Ribamar Willer é um Travis Bickle às avessas, o que isso significa? Existem diferentes respostas a essas perguntas. A mais simples é: não significa nada. São só coincidências ou devaneios deste analista. Porém, se quisermos adotar outra postura frente ao levantamento que foi feito, percebo uma saída um pouco mais complicada. Estas comparações podem servir para igualar as duas narrativas, não pelo que elas têm de semelhante e sim pelo que tem de diferente. Correndo o risco de empreender uma análise deleuziana malfeita, a jornada de Ribamar Willer pode ser encarada como oposta à de Travis Bickle. Principalmente, se considerarmos o fim de Taxi Driver como a redenção de seu personagem principal. Ribamar não se redime no final de Breganejo Blues. Não há o que se redimir. Não é essa sua trajetória. O desfecho de Ribamar Willer é inverso ao de Travis por ser o derradeiro momento da vida do taxista. É um final além de triste. É injusto, cruel. Em Taxi Driver há um momento final de redenção enquanto que em Breganejo Blues há um momento final de danação. Travis Bickle usa a violência para se consagrar – não intencionalmente – herói do povo. Ribamar é engolfado pela violência, é envolvido numa história que não lhe pertence de fato e paga um preço que não lhe cabe. Enquanto o primeiro goza do melhor momento de sua vida, o segundo amarga seu final trágico.

Fazendo um esforço de análise maior, a trajetória dos dois personagens pode apontar para uma equivalência entre o final de um e a trajetória do outro. Em Taxi Driver, há uma transformação do personagem principal em algo maior do que ele era no início. No fim das contas, Travis – com sua moralidade torta – realmente pode afirmar que prestou um serviço ao governo ao desmontar um grupo criminoso de prostituição. Mesmo que o espectador não concorde com a premissa de que a atitude de Bickle foi boa, o personagem pode se agarrar a ela como verdade, não só pelo fato de ter dado vazão ao seu instinto de limpeza social e, naturalmente, se sentir bem com isso, como também por ter recebido uma resposta positiva dos pais de Iris, de Betsy e dos diversos jornais que enalteceram

a sua atuação como justiceiro. Já em Breganejo Blues, Ribamar Willer não precisou de algo parecido para sentir que estava fazendo um trabalho de relevância. Ele já tinha uma identificação com o que faz e com os seus clientes. O ofício detetivesco não é um trabalho para o governo, mas para ele é um serviço prestado à comunidade, e, por isso, pode ser, para ele, tão importante quanto. Além disso, Ribamar esteve em contato com o seu maior trabalho como detetive. Desvendou um caso famoso de traição, um assassinato que tinha acabado de acontecer e salvou sua própria vida ao ser confrontado pelo homicida. Porém, apesar disso tudo, a transformação de Ribamar Willer é em algo menor do que ele era no início. Por não conseguir escapar da fúria mortal de sua contratante, Ribamar se sente humilhado. “Tudo por causa de um breganejo cornô!”, ele (quase) fala. No fim das contas, este seu último trabalho, o seu maior, não lhe pode oferecer àquela identificação

com a pessoa traída, que ele sempre sentiu. Pelo contrário, o fim de Ribamar é tão ruim quanto a vida de Travis.

Encerro consciente de que a análise aqui empreendida pode ser vista como algo sem sentido. Não importa. Os caminhos aos quais a arte

nos conduz não são retilíneos. Pelo contrário, são tortuosos e se cruzam várias e várias vezes. Qualquer tentativa de comparação de elementos de obras distintas detém o risco de ser pouco fundamentada, problema esse que se eleva quando estamos tratando de obras que estão em mídias diferentes.

Bruno Azevêdo emulou Travis Bickle e sua jornada em Taxi Driver para conceber Ribamar Willer em Breganejo Blues? Talvez não. Talvez não conscientemente. Talvez sim. No fim das contas essa é uma pergunta que interessa menos. Toda análise é um exercício teórico (em que sentido?). “E onde está o valor da teoria?”, alguém poderia perguntar. Na sua aplicabilidade prática? Custa-me responder. O que me é simples são os fatos. E o fato é que não é só esse texto que é teórico. Como diria Ribamar Willer: “o mundo é um bicho teórico”.



# JOSÉ MARIA: 80 ANOS DE NASCIMENTO E POESIA

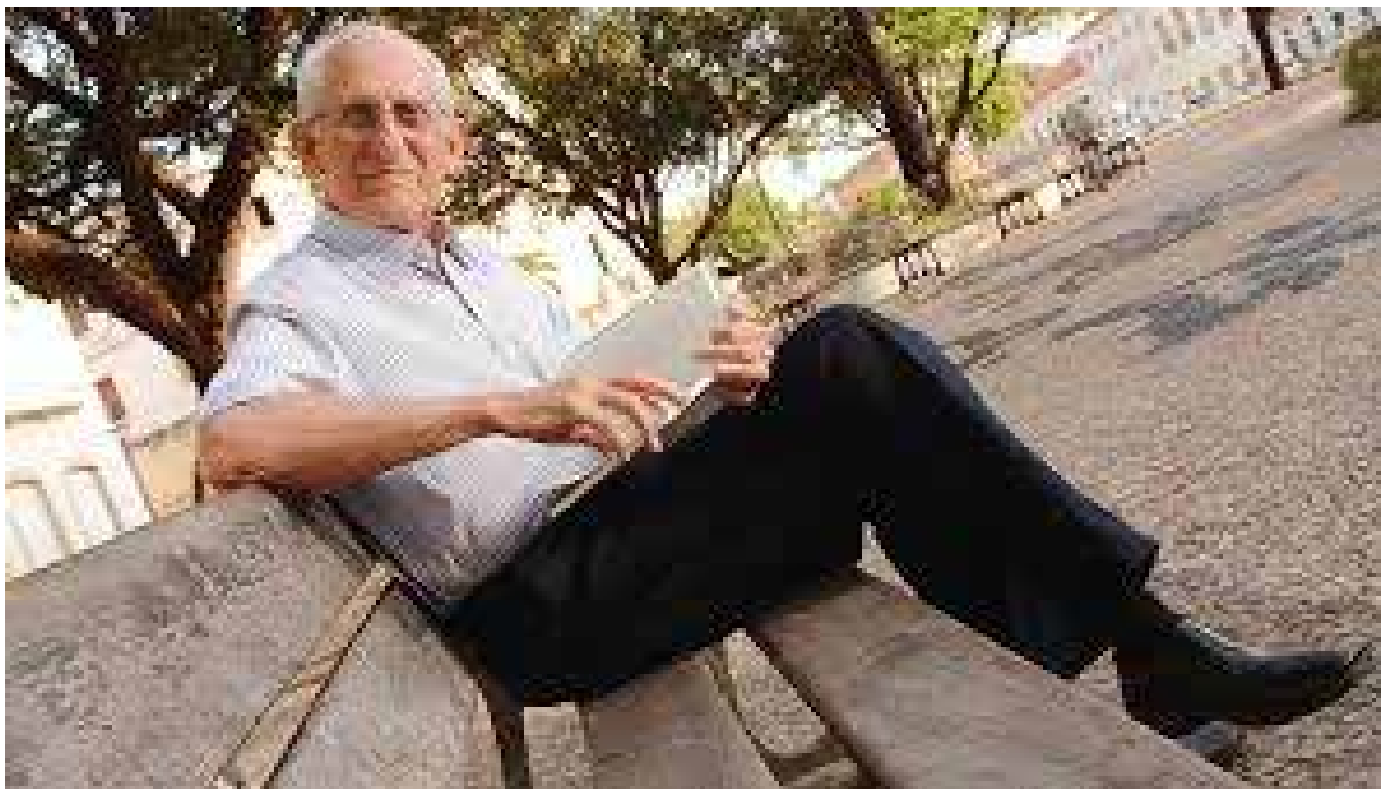
Linda Barros

O verdadeiro poeta segue a passos largos e lentos, sempre olhando para um horizonte longínquo, com a esperança de alcançar um porto e nele se abancar, sem preguiça e sem vergonha, com um único intuito: de nele seus versos mostrar. A solidificação de um grande nome das Letras Maranhenses alcançou sua mais de meia década de puro lirismo e harmonia das palavras para falar das mazelas da vida, assim também como para desenhar a própria vida de pura poesia.

José Maria Nascimento, ultrapassou facilmente, apesar de muitos obstáculos pelo caminho, a marca de mais de 50 anos de sensibilidade e primor nos versos e fincou seu nome nas prateleiras de bons leitores e grandes autores da poética milenar. Como bem desenhou nos versos abaixo, encontrados no poema “Mastigando a Palavra” e que pode ser encontrado no livro *Recreio na Ilha*.

Mas tudo passa  
como passou o trem  
rumo ao maracanã  
e não mais voltou

Nesse pequeno trecho, o poeta reflete sobre o tempo e sobre as coisas pelas quais passou durante a vida. E assim, como o próprio tempo que não volta, é possível entender que a bela trajetória desde grande autor recolhido em seu mundo particular é sobressaltada nas singelas palavras que vocifera com a agudeza de que lhe é mais peculiar. Os doces poemas, que com o passar dos anos viu sua poesia crescer e florescer nas ruas e becos da nossa bela Ilha do Amor, hoje ecoam nos quatro cantos da cidade.



José Maria Nascimento sempre “cantou” em suas obras sobre a cidade de São Luís, como seu verdadeiro chão, conhecendo cada canto, cada beco, seja ele sujo ou não. Como bem disse Raimundo Fontenele em seu prefácio sobre a obra mencionada anteriormente, “O poeta José Maria Nascimento sabe das coisas, conhece esta cidade, suas ruas, suas histórias, seus personagens de ontem e de hoje, como a palma de sua mão”. A exemplo disso está o poema “Ilha de São Luís”,

“O sol banha as ruas  
Dos afogados e Alecrim  
Luminárias e dos Amores  
Na praça e no jardim”.

Nestes versos o poeta harmoniza as palavras em singelos versos para pintar um quadro de sua cidade natal, revelando o que há de mais puro e belo.

José Maria Nascimento é natural de São Luís, nascido no dia 18 de setembro de 1940, filho de um vigia de matadouro e de uma dona de casa. Como bem citou Assis Brasil em sua antologia “Poesia maranhense do século XX”, “os estudos em sua cidade natal, só vão até o primeiro ano ginásial, assumindo assim, o autodidatismo com leituras várias, apaixonando-se cedo pela poesia”. Despertando, ainda muito pequeno, interesse pelas palavras harmoniosamente denominada de poesia, o que lhe deu vários prêmios em concursos literários tanto na terra de Ferreira Gullar, quanto em Recife, cidade onde viveu alguns de seus oitenta anos. José Maria também foi diretor do Suplemento Literário do Correio do Nordeste.

O autor tem como livro de estreia Harmonia do Conflito em 1960, anos de muitos acontecimentos, políticos, históricos e sociais. Em sua vasta obra, podemos encontrar os seguintes livros: Constelação Marinha, Ressonância do Barro, Viajantes do Entardecer e Os Verdes Anos da Maturidade, entre tantos outros.

Dentre tantas obras publicadas destacamos uma das mais importantes “Antologia Poética”, título que marca um divisor de águas, feito alcançado por poucos escritores. Essa obra marcou os 50 anos de poesia do autor. Neste livro, José Maria Nascimento faz um passeio lírico-poético de sua carreira literária desde 1960 a 2010. Segundo as palavras do também escritor José Neres acerca da referida obra, “José Maria Nascimento traduz em poesia momentos que oscilam entre o sublime e o desespero, em uma obra marcada pelo fortíssimo tom confessional, por um lirismo profundo e uma consciência social a respeito do mundo que o cerca”.

José Maria Nascimento traz à tona em suas obras o tom de denúncia social, ainda que, marcadas pela beleza de suas palavras como é possível observar nos versos do poema “A Cruz e o Credo”

“Em quase tudo o que vemos  
existe a presença da cruz,  
Não, não podemos escapar:  
Implantaram em nós uma cruz.

Suas pinceladas poéticas sobre diversos momentos de sua vida, podem ser vistas de forma harmônica ao longo de toda sua produção artística. Seus versos não são meramente palavras encontradas no vento e colocadas no papel para preencher vazios, mas sim, são transformadas em verdadeiras obras primas que ultrapassarão os espaços do tempo. José Maria Nascimento é daqueles autores que nos embevecem com o néctar de seus versos melódicos carregados de histórias e de poesia.



**Linda Barros**  
é professora, escritora e  
atriz.

Este artigo foi publicado  
inicialmente no Portal  
Mhário Lincoln



# SAMARONE MARINHO:

## O máxino no mínimo

José Neres

Há algum tempo venho pensando em escrever algo sobre o professor e poeta Samarone Marinho, por quem sempre tive o mais alto apreço, seja pela figura humana, seja pelos aspectos intelectuais que se sobressaem logo nos primeiros contatos com esse homem discreto, reservado e de poucas palavras, mas que, conquistada a confiança, oferece aos amigos um largo sorriso e um sincero olhar de respeito a cada sílaba calmamente pronunciada.

Graduado em Geografia e em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Maranhão, com doutorado em Geografia Humana e pós-doutorado, pela USP, Samarone não é o tipo de intelectual que usa seus títulos como arma para tentar impor suas ideias ou para intimidar seus interlocutores. Ele prefere convencer pela dialética, pelo debate de ideias e pela argumentação sólida, coerente e bem fundamentada.

Como poeta, Samarone Marinho, embora não seja tão divulgado entre o público, é um dos mais respeitados pelas pessoas que se dedicam a estudar a literatura contemporânea e é um dos maiores e mais bem-sucedidos escritores de sua geração. Publicou os seguintes livros de poemas: *Atrás da vidraça* (2011), *Incêndios* (2013), *Cão-Infância* (2014) e *Ser quando* (2017); além do ensaio *Manoel ama lembrar: uma interpretação à poética de Manoel de Barros* (2014), e do livro de contos *Beco da vida* (2017), todos com boa aceitação por parte da crítica especializada, recebendo elogios de um leitor do porte de Alfredo Bosi, que escreveu:

*“O texto se Samarone Marinho acaba desaguando em uma cerrada reflexão sobre a natureza, aquela Natura Naturans de Espinosa, absolutamente natural e absolutamente divina, força matriz em que se resolvem homem e paisagem, alma e corpo, o começo e o fim.”*

Dono de um estilo sintético em que as palavras não são utilizadas como meros acessórios, mas sim como matéria-prima essencial para aquilo que será sugerido, descrito ou suscitado em cada verso, Samarone Marinho opta em seus textos por imagens poéticas que saem do convencional e convida/desafia o leitor a, em cada linha de cada poema, tentar decifrar o não-dito a partir do que é deslindado a partir de palavras/imagens que quase sempre estão sobrepostas em forma de um palimpsesto labiríntico no qual os leitores menos experientes podem acabar se perdendo, caso não tragam consigo o fio de Ariadne de muitas leituras anteriores.



Em *Incêndios*, temos uma série de diálogos intertextuais do autor com muitas de suas leituras no mundo das artes e, ao mesmo tempo, um constante questionamento sobre o ser/estar/existir no tempo/espaço. No poema *Vertigo Effect* (p. 60), o poeta dialoga ao mesmo tempo com Drummond, Sartre e Hitchcock ao questionar:

sem vastidão alguma  
mundo sem Mundo  
um corpo

a sacada leva a culpa

Em poucas palavras, o poeta maranhense consegue tecer todo um arsenal de imagens que precisam ser destrinchadas para fazerem sentido, como ocorre em *Breve lembrança* (p. 45), quando, de modo milimétrico expõe que:

uma lembrança vaga  
foi o que restou do coma  
[lápide 32]

Os poemas de Samarone Marinho quase sempre apresentam a plasticidade de uma tela pintada em breves traços e muitas cores. Nessa profusão de imagens e formas convertidas em um tom minimalista, o leitor é capaz de vislumbrar trechos de livros, peças teatrais, filmes, quadros ou meros frames de cotidianos que se repetem à exaustão, como é o caso do poema Dia anterior ao Sol (p. 28), do livro *Atrás da vidraça*, no qual o efeito fanopeico do texto traça um quadro que une o realismo do dia a dia à surrealidade de uma imagem que não queremos ver, mas que passa todos os dias diante de nossos olhos, estejamos ou não protegidos pela vidraça blindada da indiferença. Diz o poeta:

Descobre-se o inefável na esquina  
O cãozinho cansado na sarjeta

O estilo praticamente telegráfico do autor é às vezes quebrado por fragmentos de prosa poética no qual os questionamentos humanos se multiplicam, não em busca de respostas simples e definitivas, mas sim para semear a certeza das eternas dúvidas e despertar no leitor a sensação de vazio existencial e de uma busca constante de algo que nem mesmo se sabe o que é ainda, conforme pode ser visto em vários blocos de poemas ao longo dos livros.

Os poemas do livro *Ser quando* seguem a mesma linha existencial-filosófica dos demais, com pitadas de crítica social e de mergulhos do eu lírico em múltiplas bifurcações de sentimentos conflitantes e com a certeza de que “não há autodefesa possível” (p. 18), pois “os pés mancam / no desacerto / do asfalto / tal faquir / em desassossegado / suor pela testa” (p. 44).

A cada página do livro, as angústias humanas se multiplicam e o leitor sente que todos os nós estão apertando ao mesmo tempo. O nó da garganta. O nó da gravata. O nó da corda sobre o cadafalso da existência humana. Até o nó de tudo o que existe em nós. Sem saber definir(-se), o leitor sente que está o tempo todo diante de uma coisa que “habita / em vago humano / o quase tudo”.



O estilo praticamente telegráfico do autor é às vezes quebrado por fragmentos de prosa poética



O livro *Beco da vida* é composto de sessenta microcontos e sessenta “aforismo da esperança”, que na verdade formam um conjunto com 120 breves poemas em prosa que presam pela fragmentação/multiplicação de imagens em torno de temas que são caros à necessidade humana de buscar respostas sem ainda (re)conhecer as perguntas. Em determinando conto é dito que “O cão insiste em mastigar a liberdade que nunca vem” (p. 53), para logo a seguir constatar-se que “Cada fio de cabelo no ralo da pia é uma busca, não uma perda” (p. 65).

Samarone Marinho é um poeta de muito talento e de muita força criativa. Seus poemas, contos e ensaios são escritos com um estilo que mescla a objetividade das palavras com a subjetividade de imagens que trazem a força “da última lágrima / levada pelo vento” (*Atrás da vidraça*, p. 17). Vale a pena ler suas obras e entrar em contato com um poeta que sabe usar o verbo tanto como lança quanto como escudo em uma eterna luta com as palavras.

# A “Canção Inicial de José Sarney

---

**1**948. Enquanto o mundo tentava se recuperar dos traumas da II Guerra Mundial, o poeta T. S. Elliot recebia o Prêmio Nobel de Literatura, nos cinemas estreavam as versões de Macbeth (de Orson Welles) e Hamlet (de Laurence Olivier), o Brasil chorava a morte de Monteiro Lobato e recebia a notícia de que a Câmara dos Deputados iniciava o ano aprovando a cassação dos deputados comunistas, um jovem maranhense de apenas 18 anos, lia, relia e alinhavava os versos de um livro que seria publicado seis anos mais tarde.

O livro foi publicado em 1954, ano de grande efervescência política, marcado principalmente pelo suicídio de Getúlio Vargas. O título escolhido pelo autor: A Canção Inicial, deixava claro que seu autor, que já havia sido eleito para a Academia Maranhense de Letras e que também começava a destacar-se na vida política, não queria apenas aventurar-se nas searas da literatura, mas sim solidificar seu nome entre os autores de língua portuguesa.

A primeira edição do livro, com tiragem de apenas 250 exemplares, em formato de 13,5 X 23,5, tinha 44 páginas, com capa ilustrada por Cádmo Silva. Dividida em três partes: 1) As canções; 2) As baladas; 3) Outros poemas, a obra demonstra que seu autor, embora não inovasse na linguagem, parecia estar atento às mudanças estéticas que vinham ocorrendo nas artes após o advento do Modernismo. Inclusive é possível perceber-se ecos de nomes como Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Mário de Andrade nas páginas do livro.

Em uma mescla de sentimentalismo, engajamento social e jogos de linguagem, José Sarney traz em seus poemas uma preocupação com um todo que se forma de inúmeros fragmentos de imagens particulares. Em alguns momentos, o eu lírico prefere navegar na sensualidade de “Um corpo branco de plumagens garças / Onde os montes / são mistérios / ondulando na curva dos seios”. Mas também há espaço para questionar as injustiças sociais, como em Balada do Menino Solto, que retrata a triste vida de garotos pobres e sem perspectiva de um futuro melhor. Tais crianças são sintetizadas na alegórica figura de um “menino que morre / debaixo das rodas / e no dia seguinte não sai no jornal”.



Em uma mescla de sentimentalismo, engajamento social e jogos de linguagem, José Sarney traz em seus poemas uma preocupação com um todo que se forma de inúmeros fragmentos de imagens particulares.

José Neres é professor, escritor e membro da AML, da Sobrames-MA e sócio-correspondente da AICLA.

Este artigo foi publicado inicialmente no Jornal O Estado do Maranhão

Mesmo apostando na composição de poemas em versos livres e em uma liberdade com relação ao uso das rimas, o jovem Sarney ainda demonstrava estar ligados à tradições clássicas de suas leituras, como pode ser visto, por exemplo, na confecção do soneto Canto de Saudade e no constante uso de assonâncias e aliterações: “O sino bate / bate na torre / na torre velha / da velha Sé. // O vento vem / vindo de longe / o seu gemido” (Balada do Cais).

Em alguns momentos do livro, o suscitador de imagens poética em forma de palavras lembra a herança simbolista mesclada com uma carga de Romantismo contido pelas influências de um olhar voltado para um modernismo que começava a ganhar corpo. Independentemente dessas claudicâncias bastante compreensíveis na obra de estreia de um jovem que tentava se desvencilhar de toda uma tradição ancestral que ainda ressoava nas páginas de muitos poetas daquela geração, não se pode negar a beleza de poemas como Menina Morta, um refinadíssimo texto no qual a tessitura poética das palavras entra em conflito direto com a crueza das imagens que entristecem qualquer leitor mais sensível: “Espantem

os carcarás / seus bicos não  
biquem / os olhos da  
menina”.

*A Canção Inicial,*  
de José Sarney

é um livro que  
merece ser lido  
com atenção,

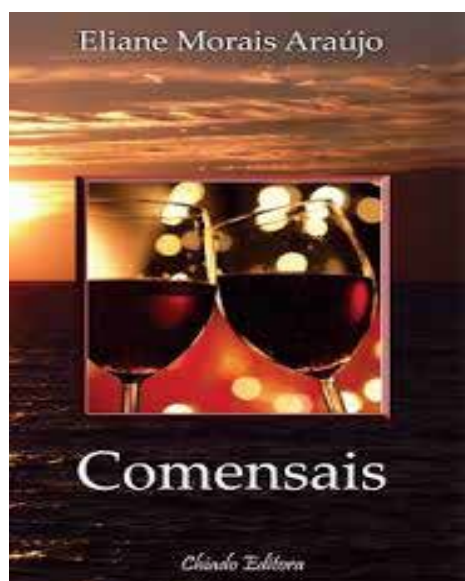
pois conseguiu  
manter-se  
atual diante  
das mudanças.

E hoje, mesmo  
diante de tantas  
tecnologias, ainda  
nos perguntamos:

“Mundo, meu mun-  
do / que vários cami-  
nhos / em ti vão dar?”



# OS COMENSAIS, DE ELIANE MORAIS



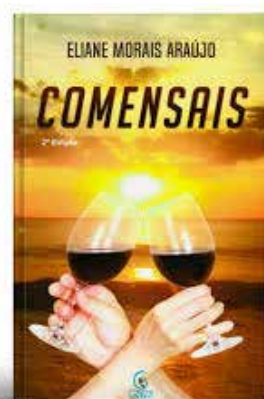
**G**anhadora de diversos prêmios literários, a escritora Eliane Morais Araújo recentemente começou a despertar no cenário literário brasileiro e vem arregimentando diversos admiradores que se encantam com um estilo que oscila entre o dos textos folhetinescos, nos quais um casal apaixonado faz tudo para superar os obstáculos que podem impedir a realização amorosa, e a escrita erótica, com descrições minuciosas e bem construídas dos diversos contatos físicos entre as personagens.

Em seu livro de estreia intitulado *Comensais*, Eliane Morais leva o leitor a acompanhar o relacionamento amoroso entre Fernando e Ly, cada um vivendo em um continente diferente, mas interligados pelas facilidades de comunicação da modernidade e unidos pelos desejos mútuos que desafiam as distâncias, tentam derrubar os obstáculos sociais e fazem os entraves matrimoniais dos protagonistas terem sua importância diminuída.

De estilo bastante detalhista, a escritora Eliane Morais costuma se alongar nas descrições tanto físicas quanto ambientais. Desse modo, quem se debruça sobre seus textos acaba tendo a impressão de estar presente nos locais descritos e consegue visualizar as cenas por ela imaginadas de modo bastante realístico. Como tais descrições se estendem também aos encontros amorosos entre as personagens, os leitores podem ter opiniões divergentes sobre a produção artística da leitora. As reações podem ir do susto ao êxtase. Mas dificilmente alguém ficará indiferente diante das páginas de *Comensais*, pois as constantes intercalações de peripécias deixam o leitor na expectativa do que irá acontecer na próxima cena.

É interessante ler o livro e acompanhar o que acontece entre a bela Ly e o sedutor Fernando nas páginas desse romance de Eliane Morais. Além de conhecer essa emotiva e erótica história de amor, encontros e desencontros. Além de conhecer o que acontece entre os protagonistas, o leitor ainda pode se deliciar com aspectos culturais de lugares como São Luís, Alcântara e parte de Portugal.

*Comensais* é um daqueles livros que levam o leitor a sair de sua realidade e viver em um mundo paralelo espelhado em parte de nossa realidade, mas onde as fantasias, o amor, as dúvidas, as viagens e a realização de sonhos fazem parte da existência de todos, tanto das personagens, quanto dos leitores.



## José Neres

Professor, escritor.  
Membro da AML,  
Sobrames-MA e sócio-  
correspondente da  
AICLA.

**ILHA Virtual**  
pontocom

**30th Virtual Pontocom**  
doença a todas as horas,  
latidos, acalores,  
colaboradores e  
entusiastas por fatos e  
agradáveis... 2020!!!

**A poesia de Adriano Costa**  
No momento de São Tomé para o Mar  
de Marim Fátima São Paulo

**As cartas de Linduarte Marinho**  
Sabido de fazer sobre a literatura  
maranhense

**ILHA Virtual**  
pontocom

**FELIZ ALBERTO LIMA - um jornalista  
com vida de poeta**

Contado o tempo das coisas do poeta e jornalista  
Feliz Alberto Lima, um dos maiores representantes da  
literatura maranhense. (pág. 16)

**Literatura e Internet**

Memória Literária

**ILHA Virtual**  
pontocom

**ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS EM FÉRIAS**

de 28 de agosto até o dia 02 de setembro, com o objetivo de celebrar o  
Dia de Letras em 2020.

**SAZÃO**

**ILHA Virtual**  
pontocom

**Os novos rostos da Literatura Maranhense**

Conheça alguns dos novos rostos da literatura que estão ganhando espaço no Maranhão e que estão marcando a história da literatura maranhense. (pág. 17)

**Reinaldo Costa Fernandes - 10 Sugestões de Leitura para as férias**

Reinaldo Costa Fernandes, um dos mais importantes escritores do Maranhão, apresenta 10 sugestões de livros para serem lidos durante as férias. (pág. 17)

**LITERATURA INFANTIL-ADULTO, COMO INCLUIÇÃO SOCIAL**

Uma obra literária que busca promover a inclusão social por meio da leitura, com o objetivo de promover a integração social. (pág. 17)

**SAZÃO**

**ILHA Virtual**  
pontocom

**Os novos rostos da Literatura Maranhense**

Conheça alguns dos novos rostos da literatura que estão ganhando espaço no Maranhão e que estão marcando a história da literatura maranhense. (pág. 17)

**Reinaldo Costa Fernandes - 10 Sugestões de Leitura para as férias**

Reinaldo Costa Fernandes, um dos mais importantes escritores do Maranhão, apresenta 10 sugestões de livros para serem lidos durante as férias. (pág. 17)

**LITERATURA INFANTIL-ADULTO, COMO INCLUIÇÃO SOCIAL**

Uma obra literária que busca promover a inclusão social por meio da leitura, com o objetivo de promover a integração social. (pág. 17)

**SAZÃO**

**ILHAVIRTUALPONTOCOM**

Informações sobre Literatura Maranhense

NUMERO 30

**EDITORIAL**

Este número de ILHA Virtual traz o melhor de nossa literatura maranhense. O conteúdo é dividido em artigos, poemas, contos e crônicas. O objetivo é promover a leitura e a escrita, além de divulgar a cultura maranhense.

**SAZÃO**

**ILHAVIRTUALPONTOCOM**

Informações sobre Literatura Maranhense

27 de setembro de 2020

**EDITORIAL**

Este número de ILHA Virtual traz o melhor de nossa literatura maranhense. O conteúdo é dividido em artigos, poemas, contos e crônicas. O objetivo é promover a leitura e a escrita, além de divulgar a cultura maranhense.

**SAZÃO**

**ILHAVIRTUALPONTOCOM**

Informações sobre Literatura Maranhense

27 de setembro de 2020

**EDITORIAL**

Este número de ILHA Virtual traz o melhor de nossa literatura maranhense. O conteúdo é dividido em artigos, poemas, contos e crônicas. O objetivo é promover a leitura e a escrita, além de divulgar a cultura maranhense.

**SAZÃO**

Informações sobre Literatura Maranhense

**ILH@virtu@ipontocom**

**Ana Luiza Almeida Ferra**

Informações sobre Literatura Maranhense

**ILH@virtu@ipontocom**

**Conçalves Dias**

**EPITÁFIO**

José Carlos Gonçalves Filho

Psii!  
Silêncio!  
Os homens dormem.  
Os homens morrem...  
... O MUNDO DESCANSA EM PAZ!

do livro **Canto Calado**

**CARDUME**  
(PAULO RODRIGUES)

tenho uma angústia  
encalhada  
no meio do meu rio.

do livro **Elementos de Ninsudm**

**INTOCÁVEL**  
(Marcos Fábio Belo Matos)

São,  
Vou andando na estrada da vida  
Com o mundo me moendo as carnes  
Chupando os ossos  
E degustando  
Os restos de meu sangue ácido.

do livro **Inanimato**

**O POÇO**  
Carvalho Junior

descem a corda e o balde  
para buscar a lágrima  
na última manilha  
do poço que me afoga.

do livro **No Alto da Escada de Pedra**

